

SOFISTAS DAS REDES SOCIAIS: O DESAFIO POR UMA EDUCAÇÃO QUE ENSINE A PENSAR CRITICAMENTE

*SOCIAL NETWORK SOPHISTS: THE CHALLENGE FOR EDUCATION THAT
TEACHES TO CRITICALLY THINK*

*SOFISTAS DE LAS REDES SOCIALES: EL RETO DE UNA EDUCACIÓN QUE
ENSEÑA A PENSAR CRÍTICAMENTE*

Eliseu Roque do ESPÍRITO SANTO¹

RESUMO: As redes sociais deram voz a todos que podem e desejam usá-las para repercutir suas ideias. Os usuários de redes sociais podem ser comparados aos sofistas, que eram um tipo de pensadores *freelancer* que percorriam as cidades gregas ensinando e divulgando suas ideias. Os sofistas foram criticados por Platão, Sócrates e Aristóteles por, segundo eles, não ter compromisso com a verdade. Neste ensaio, busco, com base nos diálogos platônicos *O Sofista*, *Fédon*, *Teeteto*, *Apologia de Sócrates* e Livro VII de *A República*, a saída apresentada pelos filósofos clássicos para combater o discurso baseado na opinião (conhecimento falso) e não no conhecimento verdadeiro (baseado em fatos). O conhecimento dialético conduz ao conhecimento da essência e, para isso, busca definir e distinguir as ideias, além de considerar as objeções e refutar com base na verdade e não na opinião. Para esse tipo de conhecimento, é necessária uma educação de qualidade, que ensine a pensar e que busque a essência das coisas.

Palavras-chave: Sofistas. Redes sociais. Verdade. Educação. Platão.

ABSTRACT: *Social network have given voice to everyone who can and wants to use them to resonate their ideas. Social media users can be compared to sophists who were a type of freelance thinkers who roamed Greek cities teaching and spreading their ideas. The sophists were criticized by Plato, Socrates and Aristotle for, according to them, having no commitment to the truth. In this essay, I seek, based on the Platonic dialogues The Sophist, Fédon, Teeteto, Socrates' Apology and Book VII of The Republic, the way presented by classical philosophers to combat discourse based on opinion (false knowledge) and not on true knowledge (based on in facts). Dialectical knowledge leads to knowledge of the essence and for that it seeks to define and distinguish ideas, consider objections and refute based on truth and not on opinion. For this type of knowledge, quality education is necessary, which teaches how to think and seeks the essence of things.*

Keywords: *Sophists. Social networks. Truth. Education. Plato.*

RESUMEN: *Las redes sociales han dado voz a todos los que pueden y quieren usarlas para hacer resonar sus ideas. Los usuarios de las redes sociales pueden compararse con los sofistas que eran un tipo de pensadores independientes que deambulaban por las ciudades griegas enseñando y difundiendo sus ideas. Los sofistas fueron criticados por Platón, Sócrates y Aristóteles por, según ellos, no tener ningún compromiso con la verdad. En este ensayo busco, a partir de los diálogos platónicos El sofista, Fédon, Teeteto, La apología de Sócrates y el Libro VII de La República, la forma que presentan los filósofos clásicos para combatir el discurso basado en la opinión (conocimiento falso) y no en el conocimiento verdadero. (basado en hechos). El conocimiento dialéctico conduce al conocimiento de la esencia y para ello busca definir y distinguir ideas,*

¹ Licenciado em Filosofia e Pedagogia e doutor em Teologia. Instituto Federal Fluminense, Macaé - RJ, Brasil. ORCID 0000-0001-6174-6891. E-mail: eliseu.roque@gmail.com

considerar objeciones y refutar con base en la verdad y no en la opinión. Para este tipo de conocimientos es necesaria una educación de calidad, que enseñe a pensar y busque la esencia de las cosas.

Palabras clave: *Sofistas. Redes sociales. Verdad. Educación. Platón.*

Introdução

Em tempo que não havia redes sociais os sofistas eram um tipo de pensadores *freelancer* que percorriam as cidades gregas ensinando e divulgando suas ideias através de controvérsias e disputas, que, para Platão, não passavam de verbosidade. Arrisco dizer que eles foram precursores de uma ação muito comum hoje nas redes sociais, a de transmitir um conhecimento aparente e não o verdadeiro conhecimento.

As redes sociais deram voz a todos que podem e desejam usá-las para repercutir suas ideias. Isso é bom ou ruim? Seria bom se tudo publicado (postado) fosse bom, agradável e justo; no entanto, vemos que nem sempre é assim. Plataformas como Twitter, Facebook, WhatsApp, Youtube são usadas também (e muito) para divulgar mentiras (*fake news*), incentivar atos violentos e antidemocráticos, extorsão, intimidação, assédio e crimes diversos. Para piorar, políticos inescrupulosos e marqueteiros viram nessas ferramentas uma poderosa aliada para convencer um eleitorado ingênuo e acrítico. Desse modo, as redes sociais, de rede de amigos e de relacionamento, se transformaram em campo de batalha ideológico e um risco para a democracia (inimigos da democracia usam a democracia para implodi-la).

Após a invasão do Capitólio em 6 de janeiro de 2021 por uma multidão enraivecida com a intenção de impedir a ratificação da eleição de John Biden como presidente dos EUA, ato esse “indiretamente” incentivado pelo presidente Trump via Twitter, a empresa apagou o perfil do presidente argumentando “risco de mais incitação de violência” (GLOBO, 2021). As pessoas que usam as redes sociais ignoram que elas não são “terra de ninguém”, existem regras para o uso destes espaços. Por exemplo, é proibido usar o serviço para uma atividade ilegal, para o incentivo ou promoção da violência, incentivo do terrorismo, exploração sexual, propagação do ódio, promoção do suicídio, uso de vídeos manipulados com intuito de enganar, etc. (TWITTER, 2021).

A questão de como lidar com o mau uso das redes sociais não é tão simples assim. Talvez não seja tão difícil identificar o mau uso em casos flagrantes de incentivo à violência, exploração sexual, violência explícita e coisas parecidas. Há situações mais sensíveis, de sentido ambíguo, não explícitas, sutis, que, mesmo uma máquina com

inteligência artificial avançada, não consegue filtrar (lembramos que as mensagens do Twitter e outras redes sociais são publicadas instantaneamente). É possível que todos concordem que as redes sociais e suas regras de uso são necessárias, inclusive, porque estas podem ser criadas e modificadas democraticamente. O bloqueio de uma mensagem é diferente do cancelamento ou banimento de uma conta. O cancelamento de um perfil (conta) não é uma máquina que decide. Alguém decide, e quem? Suponhamos que um grupo fascista controle o Twitter ou Facebook ou outra grande rede social e sutilmente comece a modificar os algoritmos que controlam suas máquinas ou alcance o poder para decidir a conta de quem pode ou não permanecer. Esse é um problema complexo que cedo ou tarde vamos encontrar uma solução satisfatória ou um meio termo (juristas, jornalistas, políticos já estão se ocupando desse problema em algumas partes do mundo).

Por ora, proponho buscar uma solução na outra ponta dessa relação entre redes sociais e usuários: o filtro do usuário. O que é esse filtro? O filtro é nossa razão, nossa capacidade de julgar. Com o surgimento das redes sociais, os humanos que têm algum compromisso com a verdade precisam mais do que nunca fazer uso de sua capacidade de julgar. Aqui me surge outro problema, há humanos que não se preocupam com a verdade, o que me leva a crer que os usuários de redes sociais terão que conviver sempre com mentiras, meias-verdades e *fake news*; mas isso só reforça o argumento do uso da capacidade de julgar.

Neste ensaio, busco com base nos diálogos platônicos *O Sofista*, *Fédon*, *Teeteto*, *Apologia de Sócrates* e *A República* (Livro VII), uma solução para lidar com as mentiras (*fake news*), meias-verdades (verdades aparentes) ou conhecimento falso (denomino aqui conhecimento falso as afirmações que não tenham evidências em fatos ou que as justificativas estejam em contradição com a opinião geral). O texto discorre brevemente sobre os sofistas, opinião, discurso e sua relação com o conhecimento dialético e educação.

Sobre os diálogos platônicos

Os diálogos são uma marca identitária nas obras de Platão. Diferentemente dos filósofos antigos, medievais e modernos cujos textos são de estilo dissertativo e argumentativo, e por esse motivo considerados de difícil leitura, os diálogos de Platão tornam a leitura “agradável, fluente e descontraída” (BINI, 2019, p. 14). Mas por que a opção pelo diálogo?

Para Bini (2019), Platão utiliza a forma de diálogos em sua filosofia em razão da concepção socrática de *alétheia* (verdade), a qual não é fruto da percepção sensorial ou empírica do indivíduo, muito menos deve ser encontrada no mestre, já que, como repetia Sócrates, “Eu sei que nada sei”. Coerente com a maiêutica, a verdade ou conhecimento deveria vir à luz como um trabalho de parto conduzido pelo mestre que habilmente interroga seu discípulo, avalia suas respostas, apresenta os argumentos dos sábios e o ajuda a encontrar a verdade por si mesmo. Os diálogos então estariam coerentes com o método da maiêutica e com a ideia de como alcançar a verdade.

Para Queirós Campos (2011), a opção de Platão de produzir sua filosofia na forma de diálogos se dá por conta do caráter agonístico dos seus escritos, principalmente em relação à poética, já que “seu adversário não é apenas um ou outro filósofo, um ou outro sofista ou poeta, mas toda a tradição intelectual, ética, teológica e poética dos gregos” (p. 221). No entanto, como homem de seu tempo, Platão reconhecia a importância dos recursos dramáticos, artísticos e linguísticos da poética e, portanto, nos seus diálogos faria uso desses recursos, mas apresentaria um gênero cultural ou literário superior à poética.

Nem todos os diálogos atribuídos geralmente a Platão são considerados pelos estudiosos de sua autoria. Muitos deles foram escritos por seus discípulos. Veja no quadro a seguir a classificação feita por Bini (2019)

FIGURA 1: Diálogos platônicos

Autoria de Platão aceita <i>unanimemente</i> pelos estudiosos	Considerados por <i>alguns</i> estudiosos de autoria duvidosa ou apócrifos	Considerados por <i>grande maioria</i> de estudiosos como apócrifos	Considerados <i>unanimemente</i> obras de seus discípulos diretos ou indiretos
Fedro	Sofista	Alcibíades	Segundo Alcibíades
Protágoras	Parmênides	Hípias Maior	Hiparco
O Banquete	Crátilo	Clitofon	Amantes rivais
Górgias	Filebo		Teages

A República	Crítón		Mínos
Timeu	Crítias		Epinomis
Teeteto	Eutífron		Definições
Fédon	Político		Da justiça
As Leis	Cármides		Da virtude
Apologia	Laques		Demódoco
	Lísis		Sísifo
	Eutidemo		Hálcion
	Mênón		Erixias
	Hípias Menor		Axíoco
	Ion		
	Menexeno		

Fonte: ESPÍRITO SANTO, 2021.

A existência de todos esses diálogos, independentemente se são de autoria de Platão ou de seus discípulos, demonstra a consolidação desta forma no modo de filosofar. Como observa Santos (2008), o uso de diálogos não é mero artifício literário, mas uma opção filosófica. Os diálogos demonstram uma coerência entre forma e conteúdo, pois estabelece um método não-doutrinal, aberto, coerente com a ideia da maiêutica socrática.

Os sofistas

Os sofistas foram mestres de retórica e cultura geral que exerceram forte influência sobre o clima intelectual grego entre os séculos V e IV a.C. (ABBAGNANO, 2007). Platão (428/427 - 348/347 a.C.), no diálogo intitulado *O Sofista*, compara o sofista a um pescador de anzol e caçador de jovens ricos e proeminentes, exercendo uma arte que, segundo ele, “envolve negociação e venda” (2013, p. 31). A sofística, arte dos sofistas, é descrita como “a parte da aquisição, da troca, do comércio, do tráfico, do negócio de mercadorias da alma relativo aos discursos, aos conhecimentos e à virtude política” (2013, p. 33). Platão acusa os sofistas de, por conta da remuneração, sacrificar a verdade.

Diante dos estragos provocados por alguns sofistas, Platão propôs um processo que de certo modo anulasse os efeitos de seu ensino, que ele denomina de “Purificação”. A purificação é definida como a arte de separar, ou seja, reter o melhor e rejeitar o pior. A incapacidade de julgar com justiça é considerada por Platão uma doença da alma denominada ignorância. Para Platão, apenas a refutação baseada em uma crítica rigorosa é capaz de separar a verdade do erro, ou seja, purificar, e essa seria a tarefa da educação.

A origem da falsa opinião e do falso discurso

Os sofistas negavam a possibilidade de falsidade apoiados na tese de Parmênides de que o não ser não existe. Platão refuta a tese demonstrando que o não ser existe, mas não como contrário absoluto do ser e sim como algo diferente dele (2013, p. 84). Dessa forma, afirma Platão que existe o grande e o não grande, o justo e o injusto, o belo e não belo; no entanto, esses gêneros não podem ser confundidos com o ser. O ser tudo penetra e todos participam de algum modo do ser e existem por meio dessa participação sem com isso o ser deixar de ser ele mesmo.

O problema é que tudo que se origina do ser é outro e, portanto, não ser. Isso leva Platão à conclusão de que “O não ser se nos revelou como um gênero entre os demais, distribuído entre todos os seres” (2013, p. 87). Se não houvesse essa mistura, tudo seria verdadeiro. “Misturando tudo, é possível haver opinião falsa e também discurso falso, pois pensar e dizer o que não é constitui falsidade no pensamento e no discurso” (2013, p. 87). Desse modo, todos temos risco de produzir discursos falsos.

Para analisar a relação entre o não ser e a faculdade de criar imagens e simulacros, Platão (2013, p. 88 -91) se propõe a analisar o que são o discurso, opinião e imaginação.

O discurso verdadeiro

No discurso, deve haver entrelaçamento de verbos com substantivos criando-se uma sentença. A sentença deve referir-se a alguma coisa, sujeito e ação devem combinar por meio de um nome e um verbo e toda sentença deverá ser por natureza verdadeira ou falsa. Para esclarecer, Platão apresenta alguns exemplos de sentenças tipo “Teeteto está sentado” (2013, p. 91); sentença razoável já que era o que realmente estava acontecendo, sujeito e verbo combinavam já que a ação se referia de fato ao sujeito naquele momento, portanto uma sentença verdadeira. Um segundo exemplo de sentença: “Teeteto, com que converso neste momento, voa” (2013, p. 91). Nessa sentença, o predicado se refere a Teeteto (sujeito), mas a ação não combina, já que Teeteto estava sentado e não voando, é, portanto, por natureza, uma sentença falsa. Falso é aquilo que é diferente da realidade, ou seja, fala de coisas inexistentes como se existissem.

A opinião

Para Bachelard (1996, p. 18), “A opinião pensa mal; não pensa [...] Não se pode basear nada na opinião: antes de tudo, é preciso destruí-la. Ela é o primeiro obstáculo a ser superado”. Para Platão (2013, p. 93), “o pensamento se revelou uma conversa da alma consigo mesma, e a opinião, a conclusão do pensamento, vindo a ser o que designamos pela expressão, imagino, uma mistura de sensação e opinião”. O problema apresentado por Platão (também por Bachelard) é que em muitos casos a opinião é formada pela imaginação oriunda de uma sensação (ex. “imagino que...”) e não em fatos (realidade). A opinião se constitui em pensamento, e quando expressa em palavras se transforma em discurso. Aqui, portanto, se origina a falsa opinião e o falso discurso.

A imaginação

Em muitos casos, a nossa opinião está baseada em nossa imaginação. A imaginação possibilita ao ser humano a capacidade de imitação. Mas, para Platão (2013) “apesar da imitação ser uma disposição do espírito humano, é dela que nasce a arte da falsidade” (p. 94). A questão é que uns conhecem o que imitam e outros imitam sem conhecer. Imitação sem conhecer é baseada apenas na opinião, Platão [427-347 a.C]

chama esse tipo de imitação de *doxomimética*. Mesmo esse tipo, o divide em dois: o tipo ingênuo que é o “que acredita saber o que apenas imagina” e o dissimulado “que se deixa arrastar pelos seus próprios argumentos [...] procura aparentar que sabe”. No segundo grupo, dos dissimulados, Platão [427-347 a.C] ainda subdivide entre “o indivíduo capaz de dissimular em público com discurso prolixos [...] e outro em círculos mais restritos, com sentenças curtas, leva seu interlocutor a se contradizer” (p. 100). No primeiro grupo de dissimulados, estaria o orador popular e, no segundo grupo, o sofista. Seja por ingenuidade seja por dissimulação, a falsidade do discurso cobra um preço muito caro.

O conhecimento dialético

Demonstrada a possibilidade de falsas opiniões e falsos discursos, cabe ao mestre apontar ao discípulo o caminho. Para Platão (2013a, p. 77), o conhecimento dialético é definido como “a arte de distinguir os gêneros, conforme a capacidade de se combinarem ou de não se combinarem”. E essa seria uma tarefa do filósofo/educador.

Em A República no livro VII, o método dialético é descrito como o esforço de “atingir, sem auxílio dos sentidos, mas com o simples raciocínio, a essência de todas as coisas” (PLATÃO, 2006, p. 64). A dinâmica do método é detalhada:

Relegando hipóteses, em direção ao próprio princípio para encontrar a própria justificativa, arrancando realmente aos poucos os olhos da alma do atoleiro em que estavam mergulhados e dirigindo-os para o alto, servindo-se das artes que mencionamos como auxiliares e companheiras (PLATÃO, 2006, p. 65 - 66).

Sócrates explica a Glauco que, seguindo esse método para se conhecer a essência do bem e tudo o que é bom, é preciso:

- (1) primeiro definir a ideia do bem;
- (2) distingui-la de todas as outras;
- (3) considerar e enfrentar as objeções;
- (4) refutá-las com base na verdade e não na opinião.

Em Teeteto (PLATÃO, [427-347 a.C]), Sócrates chama de maiêutica a essa arte de parir o conhecimento, que consistia basicamente de um diálogo inquiridor entre mestre e discípulo(s) acerca de um tema, onde Sócrates inclui como tarefa do mestre além de inquirir, a de “apanhar o argumento de algum sábio e tratá-lo como convém” (p. 22) até que venha à luz a própria opinião do discípulo.

Uma questão muito destacada na epistemologia platônico-socrática está na desconfiança dos sentidos para compreensão. Esse problema epistemológico tem fundamento em uma ontologia que atribui ao ser em si a geração ou criação de todas as coisas. Conforme essa concepção, o ser é sempre o mesmo e imutável (O Sofista, XXXV In: PLATÃO, 2013a). O ser se mistura com tudo, porque sem ele nada poderia existir. No entanto, como vimos anteriormente, o ser em si participa de tudo sem deixar de ser ele mesmo, e nessa relação gera muitos seres e não seres. O não ser não é algo necessariamente contrária ao ser, mas diferente dele.

Essa ontologia conduz Sócrates-Platão a uma visão dicotômica do mundo e do ser humano. O mundo é dividido entre mundo visível e mundo inteligível. No mundo inteligível, está a ideia do bem, do belo e do justo que “abre as portas da verdade e da inteligência a quem queira se portar sabiamente em particular e em público[...]” (PLATÃO, 2006, p. 47). Já que o que é gerado não é igual ao que o gerou, o mundo visível é descrito como uma caverna ou uma prisão que mantém os homens presos a correntes e na ignorância (Alegoria da Caverna).

Essa mesma dicotomia vai determinar sua antropologia. O ser humano é descrito como um ser constituído de alma e corpo. Em Fédon (PLATÃO, 2013a), Sócrates-Platão discute sobre a imortalidade da alma. O contexto do diálogo é a proximidade da execução de Sócrates condenado à morte em Atenas sob acusação de “corromper a juventude e em não acreditar nos deuses em que a cidade acredita e sim em divindades estrangeiras” (Apologia de Sócrates In: PLATÃO, 2013b). De acordo com Sócrates-Platão (Fédon In: PLATÃO, 2013a), as almas são imortais e após a morte habitam o Hades com infinitas possibilidades de reencarnação. O ser humano seria, portanto, constituído de um corpo material animado (movido) por uma alma imortal. A alma é o que nos liga ao mundo inteligível e o atalho direto para esse mundo é o pensamento e o raciocínio. Nesse esforço de compreender as coisas como são em si mesmas, o corpo pode se tornar obstáculo, pois as coisas não são necessariamente como vemos e ouvimos. Diz Sócrates-Platão (2013a, p. 125): “a experiência nos ensina que se quisermos alcançar o conhecimento puro de alguma coisa, teremos de nos separar do corpo e considerar apenas com a alma como as coisas são em si mesmas”.

Nessa perspectiva, o conhecimento seria reminiscência, ou seja, recordar ou recuperar conhecimento já possuído no mundo inteligível ou de vidas anteriores (Fédon In: PLATÃO, 2013a). Se atentarmos para o diálogo de Sócrates com Símiias e Cebes em Fédon (PLATÃO, 2013a), o conhecimento a que se refere Sócrates fruto da reminiscência

é o conhecimento das essências, tais como o belo, o bom, o justo, igualdade, proporção, etc.

Se desconsiderarmos essa perspectiva metafísica de preexistência da alma e as possíveis reminiscências, faria sentido ainda a dialética como método de conhecimento? Pela via do pensamento kantiano talvez sim. Kant (2003) compreendeu o conhecimento das essências em sua *Crítica da razão pura*, como conhecimento puro a priori, onde “A ‘matéria’ para o conhecimento, fornecida pelos sentidos” e uma “certa forma para a ordenar, proveniente de fonte interna da intuição e do pensamento puro, os quais, por ocasião da primeira, a matéria, entram em exercício e produzem conceitos” (p. 115).

Ao reconciliar “a primazia do pensamento e a primazia da experiência” (GARDNER, 1996, p. 74), Kant deu um grande passo nas pesquisas epistemológicas. A relação entre o inato e o adquirido vai encontrar nova expressão nas pesquisas cognitivas e em especial na corrente chamada de epistemologia genética, onde o conhecimento e/ou desenvolvimento se dá na interação entre sujeito e objeto (BECKER, 1999).

O processo de conhecimento dialético proposto por Sócrates-Platão pode parecer, pelos termos utilizados (alma, reminiscência, ser, não ser, mundo inteligível, essência, etc.) algo de caráter místico, excessivamente subjetivo ou pouco objetivo. Não parece ser bem assim. Em Teeteto (PLATÃO, 2020, p. 26), Sócrates exorta a prestar “atenção ao sentido dos vocábulos de que comumente nos servimos para afirmar ou negar”. O próprio uso dos argumentos dos sábios analisados com rigor crítico demonstra um esforço objetivo de ajudar a vir à luz o conhecimento. A preocupação constante de apoiar o argumento na verdade e não se basear apenas na opinião completa o ciclo precioso do processo de conhecimento dialético.

Agora vale destacar que conhecimento dialético é aquele que busca a essência (PLATÃO, 2006). Essa essência é contrastada com o mundo de aparência (mundo sensível). Encontrar a essência é ao mesmo tempo encontrar o ser em si da coisa e o divino e essa é a tarefa do filósofo - “abraçar de modo definitivo a totalidade das coisas humanas e divinas” (PLATÃO, 2006, p. 12). Só se alcança a essência pelo raciocínio e pensamento dialético, que é o atalho para o mundo inteligível.

Mesmo aqui, ao falar da essência, Platão não divaga em mundo de mistério. O que se busca é ciência e não opinião, pois, enquanto atingimos apenas a aparência do ser, temos a opinião, mas quando chegamos à essência temos ciência. Sócrates usou a dialética para definir virtude, conhecimento, bem, movimento, repouso, cor, figuras, e estas não são definitivamente coisas esotéricas.

A educação

A concepção de conhecimento dialético vai determinar a concepção de educação de Sócrates-Platão. Se conhecimento dialético é conhecimento da essência do ser, a educação não deve buscar nada menos do que isso. O estudo da geometria, aritmética, música e astronomia não devem se reduzir a interesses práticos, mas deve encaminhar o estudante a essência de todas as coisas, ao ser em si.

Em *A República Livro VII*, Sócrates trava um diálogo com Glauco sobre os objetivos que se devem perseguir com a dialética, assim expressa:

Não há outra via para compreender a essência de cada coisa, pois que todas as outras artes se referem às opiniões e aos desejos humanos ou à produção e à fabricação ou à conservação dos produtos naturais e artificiais. As outras disciplinas de que falamos, a geometria e as outras correlatas, captam alguma coisa do ser, mas parece como que cochilam, pois são incapazes de ver em estado de vigília, enquanto mantiverem imutáveis as hipóteses de que deles se servem sem poder explicá-las (PLATÃO, 2006, p. 65)

Platão define como educação a parte do ensino que se dedica a nos livrar da tolice de “imaginar conhecer o que não se conhece” (2013, p. 40), em outras palavras, falar de coisas que não entende e de fatos que desconhece (o que muitos não cansam de fazer nas redes sociais). Mas será que nossa educação dará conta desse desafio de purificar nossas almas da ignorância?

Platão (2013a) em *O Sofista* fez questão de diferenciar educação de ensino profissional. O pano de fundo da diferença entre educação e ensino profissional aqui é o conteúdo e método da filosofia/educação de Sócrates, Platão e Aristóteles comparadas com a dos sofistas. Enquanto os filósofos ajudavam os discípulos a parir o conhecimento (expressão atribuída a Sócrates no diálogo com Teeteto) ou a refutar um argumento com uma crítica rigorosa (expressão de Platão no diálogo ‘*O sofista*’) ou demolir uma definição/rebater universalmente um ponto de vista no *Organon* (ARISTÓTELES, 2013), os sofistas se ocupavam de ensinar as técnicas de vencer uma argumentação ou disputa não importando, tanto assim, a verdade. Segundo Platão, a educação seria um tipo de “sofística de nobre nascimento” e a ela caberia “a refutação das vãs ostentações de sabedoria” (2013, p. 43).

Considerações finais

Pode-se concluir que os diálogos platônicos constituem uma síntese entre a forma e o conteúdo da filosofia de Platão. É também seu método de educação. Uma educação e filosofia que buscavam o conhecimento dialético, aquele que busca a essência e resulta do esforço crítico de definir, distinguir e analisar uma ideia. A busca da essência constitui um compromisso com a verdade, da qual o verdadeiro filósofo não pode abrir mão. Para Platão, era clara e necessária a diferença entre conhecimento e opinião.

Ser capaz de diferenciar conhecimento e opinião é fundamental com a popularização das redes sociais, fenômeno que aumentou a interação social via *web*, mas com isso também os discursos de ódio, *fake news* e coisas parecidas. A capacidade de avaliar criticamente um discurso e o compromisso ético com a verdade se mostram cada vez mais necessários; não é suficiente verificar a fonte, é preciso analisar o discurso e verificar se este é baseado na opinião ou nos fatos (conhecimento).

No entanto, a capacidade de avaliar criticamente um discurso depende diretamente da educação do leitor. Uma educação de má qualidade, que se limita apenas à atividade mimética de repetir e que não se empenha em buscar a essência das coisas, contribui para a avalanche de falsas notícias e para a disseminação de discursos baseados em mentiras e opinião.

Reforça-se, nesse contexto, a necessidade de uma educação de qualidade, que não se baseie nas aparências, mas que indaga, averigua, problematiza, sistematiza, busca a verdade. É uma educação que, como afirma Platão, exige de quem estuda uma mente ágil e disposição para aprender. Não podemos buscar menos que isso.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. **Poética e tópicos, I, II, III, IV**. São Paulo: Hunter Books, 2013.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BECKER, Fernando. O sujeito do conhecimento: contribuições da epistemologia genética. **Educação & Realidade**, v. 24, n. 1, 1999. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/55807/33904> Acesso em: 13, Jan. 2021.

BINI, Edson. Platão: sua obra. In: PLATÃO. **A república (ou Da justiça)**. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2019. p. 13 - 26.

GARDNER, Howard. **A nova ciência da mente**: uma história da revolução cognitiva. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

GLOBO.COM. Twitter tira conta de Trump do ar permanentemente. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/01/08/twitter-tira-conta-de-trump-do-ar.ghtml> Acesso em: 09, Jan. 2021.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PLATÃO. **A teoria das ideias**. São Paulo: Hunter books, 2013a.

PLATÃO. **Teeteto**. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2299 Acesso em: 18 abr. 2020.

PLATÃO. **A República, parte II**. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

PLATÃO. **A República**. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2019.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates e Críton**. São Paulo: Hunter books, 2013b.

QUEIRÓS CAMPOS, Antônio. Os diálogos de Platão e os gêneros literários da Antiguidade clássica. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 20, n. 30, p. 219-238, dec. 2011. Disponível em: <http://oquenofazpensar.fil.pucrio.br/index.php/oqnf/article/view/351>. Acesso em: 31 jan. 2021.

SANTOS, José Trindade. **Para ler Platão**. São Paulo: Loyola, 2008.

TWITTER. **As regras do Twitter**. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/twitter-rules> Acesso em: 09, Jan. 2021.

Enviado em: 10/02/2021.

Aceito em: 15/06/2022.

Publicado em: 11/06/2023.